

N.º 124 — LISBOA, 28 DE MAIO

3  
ANO  
1912

# A PARÓDIA

<p><b>PREÇO DA ASSIGNATURA</b> (PAGAMENTO ADIANTADO)</p> <p>Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros 500 réis          Cobrança pelo correio custa ..... 52 ..... 13000 .....          Estrangeiro, accresce o porte do correio. .... 100 ..</p> <p><b>Preço avulso 20 réis</b>          Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p><b>Publica-se ás quartas-feiras</b></p> <p>PROPRIETARIOS:  <b>RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO</b>          E  <b>M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</b></p> <p>Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES          Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 66, 1.º</p> <p>Composição: <i>Minerva Peninsular</i>          111, Rua do Norte, 113</p> <p>Impressão: <i>Lythographia Artistica</i>,          Rua do Almada, 32 e 34</p> <p>EDITOR — CANDIDO CHAVES</p>
--	--	---



OS CABOS DA SALVAÇÃO PUBLICA

# Siamezes

Mas a visita que mais divertiu o príncipe siamez foi sem duvida alguma a do sr. José Luciano.

Como se sabe, a chegada do príncipe coincidiu com certos boatos de fusão dos rotativos n'um grande partido unico sob o pontificado Luciano-Hintze, e de igual fusão de todos os dissidentes n'um outro grande partido opposicionista. A *entente* entre os dois chefes, até então immoral, officialisar-se-hia por um accordo ostensivo. Hintze e José Luciano ficariam para sempre unidos.

Ora em meio d'estas idéas de concentração, chegou o príncipe siamez. O sr. José Luciano, que ainda não entendêra bem as bases de fusão semelhante, teve de repente uma idéa, uma d'aquellas idéas que elle tem ás vezes, espalmou a mão na testa, riram-lhe os olhos, vestiu a sobrecasaca e elle ahi vae a zaminho do hotel Bragança.

Chulalongkorn (Filho) recebeu-o optimamente, tendo para sua ex.<sup>a</sup> o unico sorriso compativel com a sua raça: um sorriso amarello.

O sr. José Luciano, que levava a sua fígada, principiou:

— Vossa Alteza poder-me-hia dar uma explicação?

— Ora essa...

— Eu tenho ouvido falar muito nos irmãos siamezes... Ora como os irmãos, lá em Sião, parece que são muito differentes dos irmãos de cá... Por isso...

— Differentes? Como assim?— interrompeu o príncipe, com um sorriso amarello claro.

— Eu sei que Vossa Alteza não tem mãos... Mas talvez me podêsse explicar...

— Não tenho irmãos?! Ora essa! Tenho um irmão, sim senhor!

José Luciano levantou-se d'um salto, com os olhos arregalados de espanto:

— Qué? Vossa Alteza tem um mano? Devéras...?

— Devéras!

O illustre estadista não queria acreditar. Olhou attonito o siamez, e objectou sinceramente:

— Mas eu estou a olhar para Vossa Alteza, já o olhei por todos os lados, e não vejo o mano!

— Podéras! Pois se elle ficou em Sião!

Aqui, os cabellos do sr. José Luciano poséram-se de pé, com o espanto:

— Que me diz...? Em Sião?! Então já não andam pegados um ao outro?

— Pegados...?! Ora essa! Nunca andámos!

— Nunca andaram pegados? Essa agora é que é nova! Então os irmãos siamezes não andam todos pegados uns aos outros?

O príncipe não se pode contêr. Riu já com um riso de muitas côres, como a linda lamparina humana da Loie Fuller, e tocando no hombro do illustre estadista explicou seraphicamente:

— Isso fóram uns que ouve...! Já ha muito tempo... Uns manos pegados pelo umbigo... Mas não são todos... Foram só uns!

José Luciano não quiz ouvir mais. Despediu-se de Sua Alteza e foi logo cireito a casa do sr. Hintze Ribeiro.

Chegou offegante, afflicto, transpirando:

— Meu caro amigo! Não póde ser! Já não pode ser a fusão! Houve só uns siamezes juntos pelo umbigo... Mas foi já ha muito tempo! Ha muitissimo tempo!

**D**EPOIS da visita artistica da Sada Yacco, a visita de recreio de Chulalongkorn (Filho).

Depois de Yedo, Bangkok.

A civilização asiatica invade-nos.

E o que é mais, vem dar-nos lições.

Ha pouco, a japoneza, com a sua boquinha de minio, os monstros d'ouro da sua dalmatica e os seus grandes penteados hirsutos, veio ensinar os nossos cómicos a morrer de verdade.

Agora, o príncipe siamez, essa espécie de Alteza amarella com transigencias europeas, se não vem positivamente ensinar a morrer os nossos actores, vem pelo menos ensinar a viver os nossos politicos.

De repente Chulalongkorn (Filho) apparece-nos como a materialização symbolica da *vida nova*.

É príncipe n'um paiz onde não ha divida publica. É príncipe n'um paiz onde não ha deficit. É príncipe n'um paiz onde o senhor Carrilho não existe.

Por consequente, é príncipe n'um paiz de felicidade.

D'ahi as repetidas visitas que no hotel Bragança lhe tem feito os *gros-bonnets* da nossa politica, desde os pontifices maximos do *rotatismo* até aos chefes heterodoxos das varias capelinhas de salvação.



# Vivinha a saltar!

A população de Lisboa está dividida, segundo a ultima estatistica do sr. concelheiro Villaça, em tres tempos a saber:

1.º grupo — creaturas que vendem cautelas.

2.º grupo — creaturas que pedem esmola.

3.º grupo — creaturas que compram cautelas e dão esmola.

Esta estatistica está, como todas as estatisticas portuguezas, um pouco atrazada; é referida a época em que Santo Antonio, S. João e S. Pedro ainda não estavam canonisados.

Porque desde que estes se popularisaram, a pulação lisboeta subdiviu-se ainda n'outro grupo, o

4.º — creaturas que pedem cincoréisinhos para o Santo Antonio até 13 de junho; idem para o S. João até 24 do idem; idem para o S. Pedro até 29 do idem, — continuando as pessoas do 3.º grupo a dar, durante os tres primeiros idens, cincoréisinhos para o culto dos tres ultimos idens.

E' uma verdadeira praga á qual infelizmente não se pode applicar o processo dos maçaricos que se emprega contra os gafanhotos. O unico processo de a gente se ver livre d'elles é ir largando a massa dos ricos, os que o sejam, e tambem a dos pobres quando se não frua a delicia de ser marquez de Franco ou K. H. Milhões.

E ainda ha quem fale mal dos credores externos, a quem pedimos tudo quanto podiamos pagar e mais uns pósinhos, e a quem durante muito tempo demos o que quizemos sem que os desgraçados andassem atraz de nós:

— Oh meu senhor, dá désrésinhos a este desgraçadinho credor externo para comprar quarto de pão?

Ou então:

— Oh meu rico senhor tenha dó d'este desgraçadinho credor externo que tem lá em casa cinco titulos de divida portugueza sem ter que lhe dar de comer!

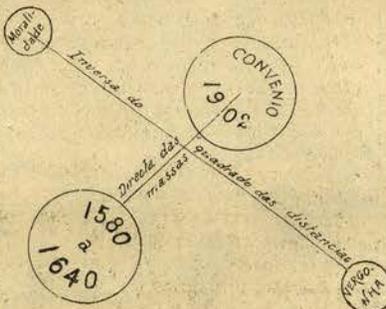
Mas, verdade seja, os credores externos vão abusando de nós agora. Como os mendigos e os cauteleiros quando se lhes dá alguma coisa ou compra, entendem que se fica sendo freguez para o todo o sempre e não nos largam mais.

— Dá cincoréisinhos para o sr. Carrilho? Dê... dê... dê meu senhor, dê...

*O homem dos aniedos*

As leis da attração no systema...

exclusivamente nosso...



## ILLUSTRAÇÃO A' CEIA DOS CARDEAES



Ah! Como é diferente o amor em Portugal!

Uma lagrima, um beijo... uns sinos a tocar...

Um parsinho que ajoelha e que se vae casar...

## SADA YACCO

e a critica portugueza

Não posso pronunciar-me por ora e performtoricamente sobre o trabalho da laurea-da japoneza, porque ainda não recebi telegrammas do Mikado.

ALFREDO OSCAR MAY.

Olha os manos!

COSTA CARNEIRO.

A Loie Fuller é que apparece entre chammes, e a japoneza é que é a Sada.

EDUARDO GARRIDO.

Se ella é japoneza a valer, sim, se não é coisa de pasta, que as ha muito bem feitas, é obra para duas libras.

JOSÉ DOS SANTOS LIBORIO.

Oh! uma fanfreluche! Ha melhor em ventarolas! (levando a mãosinha de macaco ao bigode) Veja se eu estou dentro da minha carruagem...

FIALHO D'ALMEIDA.

Ha qualquer coisa de orientalesco no seu olho pisco de odalisca, que me belisca, por S. Francisco...

SANTOS TAVARES.

Não foi capaz de me acceitar uma carta em que lhe pedia o coração!

LUIZ DE MORAES CARVALHO.

E a mim não me acceitou uma em que lhe pedia vinte e cinco tostões.

ANONYMO.

Como tragica em obra não especificada, não achamos razão para onerar cada fauteuil a 2\$800 ad valorem.

LARA EVERARD.

Estou convencido de que esta mulher dá alguma coisa se eu lhe fizer uma peça... quente.

EÇA LEAL.

Logo ao cahir o panno  
Sobre o primeiro acto,  
Quem ficou entusiasmado  
Foi o amigo

FORTE GATTO.

... Pois meu caro Hintze, a japoneza, traduzida, está a calhar para a 1.ª classe!

EDUARDO SCHWALBACH.

Descuida-se: um bocado com a caracterisação. Aquella mulher com uma péra...

LEOPOLDO DE CARVALHO.

Ora adeus! Arte exotica por arte exotica, cá está a nossa!

FERREIRA DA SILVA.

Decididamente, vou fazer uma tournée ao Japão.

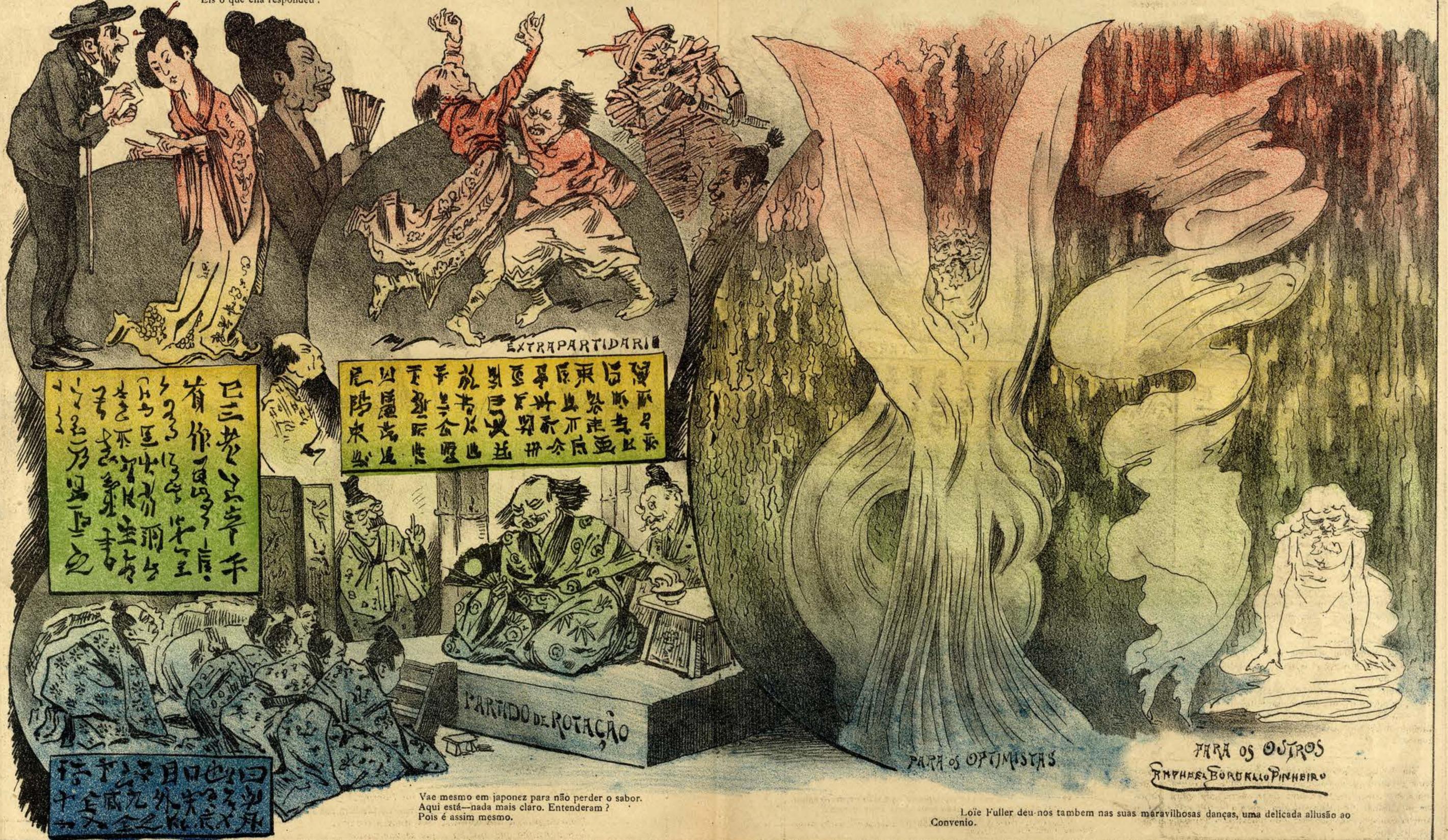
AUGUSTO FUSCHINI.

Pois sim, mas andem lá... para a bilheteira.

VISCONDE DE S. LUIZ B. AGA.

# A SEMANA DO JAPÃO

Um reporter entrevistou, segundo o processo moderno, a celebre Sada Yacco sobre qual era a sua impressão da politica portugueza. Eis o que ella respondeu :



Vae mesmo em japonez para não perder o sabor. Aqui está—nada mais claro. Entenderam? Pois é assim mesmo.

Loie Fuller deu-nos tambem nas suas maravilhosas danças, uma delicada allusão ao Convenio.

PARA OS OUTROS  
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# SADA YACCO

EM LISBOA

Uma rajada do vento da Fortuna trouxe ás nossas mãos algumas folhas preciosas do papel de arroz em que Sada Yacco vae traçando, nos pacientes caracteres da sua escripta, as impressões que recebe da Europa. Essas folhas, que contem as impressões da grande actriz japonesa na sua passagem por Lisboa, esqueceu-as ella, com a pressa do arranjar das malas, no quarto do hotel onde se achou hospedada. Foi o Antonio Manoel que as achou, e logo por amavel deferencia as cedeu á *Parodia*. Eil-as :

Ametarasou,<sup>1</sup> abre-me as portas de Lisboa, e em honra minha arranca da calva radiosa do Visconde de S. Luiz de Braga, como de um tam-tam ao sol, chispas de alegria.

Este Visconde é uma creatura adoravel, animada por algum deus galhofeiro sobre um galante desenho de Ai-Ai-O'Kizumba<sup>2</sup>.

E' um dos dois grandes emprezarios de Portugal; o outro chama-se Karrilho. Mas não fazem concorrência um ao outro: o Visconde traz a Portugal tudo o que ha de melhor no Estrangeiro; o Karrilho leva para o Estrangeiro tudo o que ha de melhor em Portugal.



Com grande surpresa minha, os cartazes dizem que a nossa troupe é — a Companhia Imperial do Japão.

— Mas nós não temos nenhuma Companhia Imperial!

— Deixa-lo! diz um portuguez. — E' para intrujar o respeitavel publico. E acrescenta: — Tambem nós não temos Camaras nenhuma e dizemos que temos nada menos de duas!



O Theatro onde represento é o do Thesouro Velho. Chama-se do Thesouro Velho, por ser nelle que está guardada a Rosa Damasceno.



Eu tinha ouvido dizer que os portuguezes eram muito alegres, mas não suppunha que o fossem tanto. Hontem, durante a minha morte na *Gesha* os meus espectadores riram a bom rir. E' a primeira vez que tal me acontece. Ora esta! Uma scena em que até o Visconde de S. Luiz de Braga me disse que se lhe tinham posto os cabellos em pé!

Não occultei a minha surpresa, perguntei nos bastidores:

— Esta gente é realmente feliz como parece?

O Visconde affirmou:

— Feliz, feliz, como a agua do chafariz?

— De dentro? insisti eu.

— Sim, sim, minha senhora! confirmou outro sujeito que ali estava. — Como a agua do Chafariz de Dentro!

Era o Mendonça e Costa.

Sou procurada por muitos jornalistas, que se fazem comprehender perfeitamente em japonês, que me falam muito do theatro japonês, que mostram conhecer muito a litteratura japoneza. Para lhes fazer ver que tambem conheço algumas joias da litteratura de Portugal, falo-lhes com entusiasmo dos contos de Wenceslau<sup>3</sup>.

Elles entreolham-se.

— Que Wenceslau quer ella dizer? cochicha um.

— Talvez seja o Brito Aranha, que tambem é Wenceslau... cochicha outro.

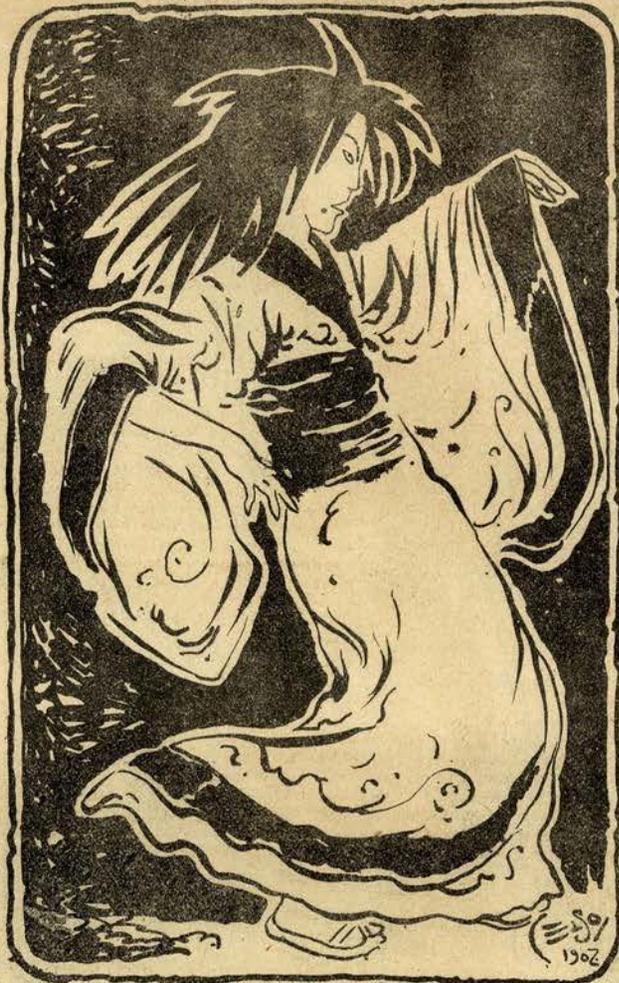
Mas um terceiro, mais vivo, dá com os dedos dois estalinhos no ar, de quem atinou com a coisa, e diz-me:

— Ah! á sei! Oh, pois não... Os contos do Wenceslau de Lima, bem sei, sim senhora... Tem, com effeito, um bom par de contos.



Em Portugal, todos os theatros funcionam pelo mesmo systema giratorio que nós usamos no Japão, onde cada theatro gira sobre uma columna. O Theatro de D. Maria gira sobre o Posser; o Theatro do Gymnasio gira sobre o Pinto; o Theatro D'Amelia gira sobre o Visconde; e do Theatro da Trindade girou o José Ricardo.

# Sada YACCO



## (Apontamento impressionista de Celso)

A vida de Lisboa dá-me a sensação de uma vida de cidade franceza, traduzida com muitos erros.



Numa folha d'esta noite vejo publicada uma *interview* que um jornalista de Lisboa affirma ter realisado comigo, nos meus aposentos do Hotel.

Não é verdade. Tudo quanto esse jornalista diz que me perguntou, e tudo quanto elle diz que eu lhe respondi, vem no *Diccionario de Larousse*.



A instrucção primaria em Portugal é uma instrucção secundaria; e a instrucção superior muito inferior.



A lingua portugueza tem coisas muito curiosas. Ha palavras que são substantivo ou adjectivo conforme a gente quer.

Por exemplo: *chato*. Chato, substantivo, significa — jornalista. Chato, adjectivo, quer dizer — vasio, raso. De modo que, para se dar idéa de um jornalista raso, vasio, sem nenhuma idéa, tem de se lhe chamar duas vezes *chato*.

Para alguns com quem tenho conversado, acho pouco.

## O OUTRO EU.

(1) Deuse do Sol.

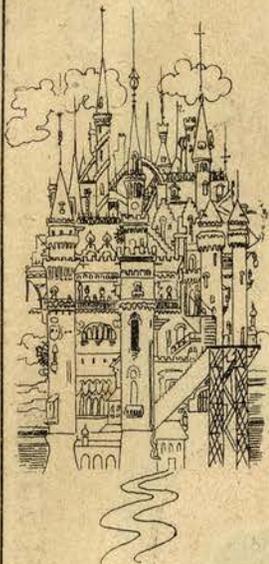
(2) Celebre caricaturista do Japão.

(3) Sada Yacco refere-se ao Sr. Wenceslau de Moraes, auctor dos *Traços do Extremo Oriente* e do *Dai-Nippon*.

# O homem esverdeado!

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Theouros dos  
subterraneos do Castello Maldito  
Grande romance historico

(Tradução à letra miudinha do notavel escriptor M. Gustavo)



## SEGUNDA PARTE O SEGREDO D'ALEM-TUMBA

OU

«Sim sim, o violo é sempre castigado»

CAPITULO I

Em que o leitor conhece por fim o Castello Maldito

Na parte mais negra da Floresta Negra havia um castello. Este velho castello, alias edificado sob o mais rigoroso estylo, — romance d'aventuras — erguia-se imponente e magestoso sobre os penhascos abruptos assombreados pelos pinhaes bravos do Schwartzvald e dominava inteiramente a garganta estrangulada aonde o Grosskollossalbach forma as sete Fontes-do-Diabo.

Assim como quem diz, a nossa Bocca-do-Inferno, em Cascaes.

O Castello Maldito fazia parte da grande propriedade dos Lamerloys, boa nobreza da provincia, aliada pelas mulheres a varias testas coroadas; mas depois que o ultimo conde de Lamerloy tinha sido expulso, a sua filha havia mysteriosamente desaparecido e a sua mulher fallecera, o castello já isolado de si, cahira no mais completo abandono.

Dentro de casa, as tapeçarias destaçiam-se, os ratos e as baratas alimentavam-se dos velhos tremós e cá fóra, as ortigas, os cardos, as immundicies e outras plantas parasitas tinham invadido por completo as alamedas seculares do parque, onde as estatuas mutiladas cobriam com caleções de musgo e teias d'aranha os bellos restos da sua nudez pagá.



Por uma tempestuosa noite de maio dois bellos cavalleiros dispunham-se a atravessar a garganta das Sete-Fontes do Diabo.

Traziam na cabeça chapéus de feltro, de largas abas e nos hombros amplos mantos, da cor dos seus pensamentos. Isto é atirando para o sombrio, para o negro.



— Com seiscentos diabos! disse o primeiro dos mysteriosos viajantes, — tão certo como eu me chamar Arthur de Boisfotté, — porque era elle, — que agora acho acertadissimo antes de attingirmos as posições inimigas, conversarmos um pouco, sobre o melhor plano de conducta a seguir. Não te parece Kerbourouet?

— Está visto, respondeu com voz quente, o joven cadete da Gasconha, — porque não era outro senão elle — Acho que fallas como um livro aberto.

Os dois cavalleiros apearam-se, sentaram-se, ficando por algum tempo, pensativos e cabisbaixos contemplando o cahir da noite sobre a garganta das Sete-Fontes do Diabo.

— Se dás licença, meu amigo Bretão, recapitulemos e voltemos aqui a algumas semanas atraz, áquelle famoso baile que a rainha deu no Louvre. Decerto não ignoras que depois de ter sido apanhado por aquella endiabrada beldade que se chama Pamela, eu corri a encontrar-me com as minhas sympathicas meninas da rua de Tounnelles? E que ao penetrar de novo, n'aquelle salão pequeno, onde as tinha deixado, estás a vêr, ou antes estás a ouvir o grito terrivel, medonho, vibrante d'angustia e de furor que me sahiu cá de dentro, d'esta minha robusta peitaça:

— Oh! Com mil raios! As raparigas foram-se!

(Continua.)



**Companhia Real**  
DOS  
CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

SERVIÇO DOS ARMASENS

**Fornecimento de azeite  
d'oliveira**

No dia 2 de Junho pela 1.ª hora da tarde, na estação central de Lisboa (Roci.), pe ante a Commissão Executiva d'esta Companhia, será abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 80.000 kilogramas de azeite d'oliv. ira..

As condições — estão patentes em Lisboa, na repartição central dos Armazens (edifício da estação de Santa Apolo) a) todos os dias uteis, dar 10 horas da manhã ás 4 da tarde e affixadas em todas as estações das linhas d'esta Companhia.

O aposito, para ser admittido a licitar, deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio exterior da estação Central do Rocio.

Lisboa, 9 de Maio de 1902.

O Director Geral da Companhia.  
Chapuy.

**Bilhetes Postaes**

**D'A PARODIA**

1.ª serie de 10

200 réis

**20 réis cada um**

**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina anexa  
de fabrico e  
concertos



**FLORINDO**

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

**99, RUA AUREA, 99**

**MENÈRES & C.ª**

**Porto**

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto

AGENCIAS EM TODO O MUNDO

**Callista**

**pedicuro**

**JERONYMO FERNANDES**

R. SERPA PINTO, 40, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e  
desencroamento de unhas  
pelos mais modernos processos  
até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite e te consultorio para se certificar d.s. verdadeiros milagres que ali se operam

Das 9 ás 5 da tarde

# JANTARES AOS PARES

(A propósito do banquete dos Lojistas)



Commercio e Industria — um par.    Dois deputados — outro par.    Um par do reino — mais outro par.  
Tres pares distintos — e um só par verdadeiro.